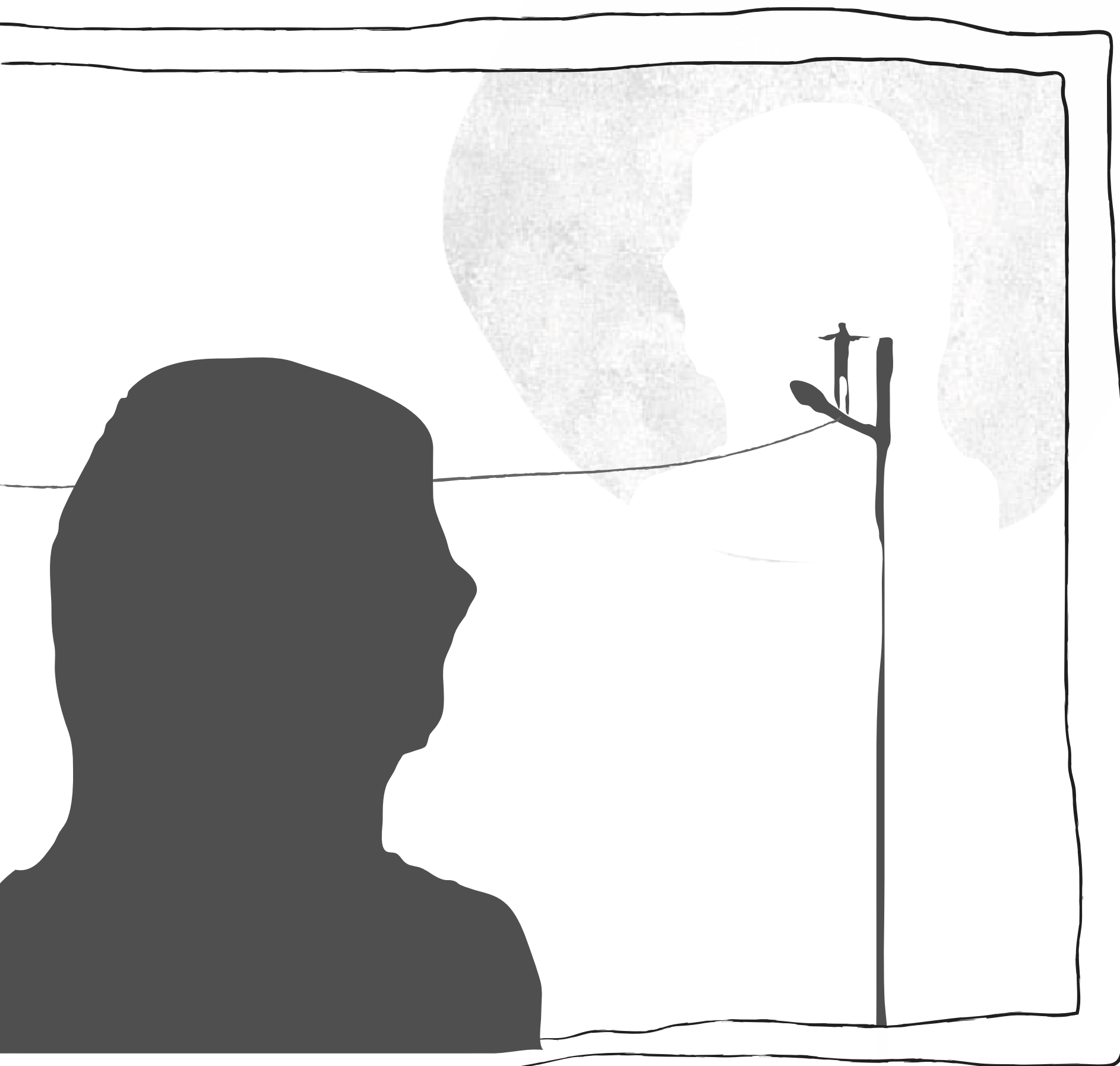


que cavam dores do sangue
pungente
que aprisiona





**AGORA
AS
CONVERSAS
NA
JANELA
SÃO
CONSIGO
MESMA,
ASSIM:**

O contágio nas ruas de pedra. Buscava o contágio nas ruas de pedra, quando o contágio não era literal, não era o vírus no corpo. Foi o que pensei sem a mentira de querer pensar. Olhei as pessoas subindo a ladeira, o modo das pessoas acostumadas subirem uma ladeira, acostumadas com o passo e não com a máscara indo e vindo na respiração ofegante e ritmada e guardei a imagem atrás das lentes dos óculos engordurados. Guardava então no mesmo movimento, a minha cara mal dormida daquele começo de ano. Pensava e sentia que era preciso abrir a janela. Abrir e esperar que escorregasse pra fora uma tormenta de palavras. E junto, era inevitável que surgisse, como alguém de mansinho, por trás do ombro, com um sorrisinho cínico, dizendo que eu já era domesticada demais para isso. Tinha desaprendido a tomar, sem vergonha do ato. Dava um sentido pudico e besta pro ato bonito do roubo, das membranas soltas e desbravantes esperando o enlevo daquelas imagens. Queria descobrir a via. Queria saber como fazer as linhas-sequências. Queria saber como dizer as histórias. Seca de histórias não saberia: primeiro: descobrir uma história, mas depois de comer. Era isso: sempre depois. Era primeiro a vida: mas não estava deixando a vida pra depois também?

Acho que tenho medo de viver também. Não tenho coragem de nada pra nada nem pra escrever. Não fazem sentido tantas tentativas de escrita. Não é fácil. É disso que tenho vergonha: de dizer coisas banais, de usar palavras banais e sem outro sentido que sua obviedade. Escrever é dizer coisas óbvias. Precisei de muito pra dizer uma linha. Uma linha que estica a mão pra fora do rio e se faz ver. Com tanta dificuldade, mas se faz ver. Os dedos mexendo. Qualquer tentativa de mostrar que tem vida. Escrever primeiro o que é obvio, ou só o que é obvio? Preciso dos rabiscos. Soltos. Partir dessas coisas soltas. Depois voltar a trabalhar com as partes que se salvam nesse caldo. Se fossem dejetos seriam salváveis. Salvaria linhas e linhas com gente nelas. Com vida nelas. Eu não sei escrever a vida. Por isso não deveria insistir. Mas a escrita não é insistência? Insistência de linhas e linhas e palavras e palavras. Salva-se alguma coisa. Salva-se alguma vida. Devo descobrir a história e seguir nela com vida. Enxertando vida no monstro. Montar meu monstro. Olhar na cara do monstro que eu posso criar. Eu posso criar um monstro. Descobrir uma noite de criação. Uma noite de insônia onde escrever e pensar e salvar palavras em sequência. Montar meu monstro. Sair da lógica e construir a lógica. As palavras que saltam e formam. Eu tenho

mesmo que escrever? Me sinto uma babaca que acha que deve escrever. Isso não tem sentido. Isso é morte, é podre. Deve ser dor, deve ter um nó que aperta e que sai. Chacoalhar os sentimentos. Tirar tudo do lugar. Eu construí lugares pros sentimentos habitarem e o pior, eu acreditei nisso. Isso é morte. Estou vivendo a morte. Preciso viver de novo a vida mexida. Os sentimentos desacostumados. Eu não sei de mais ninguém e finjo muito mal saber de mim. O que dizer dessa composição totalmente egoísta de carnes, ossos, dedos, dois pés e uma cabeça que gira, gira, gira, gira, mas que quando pára, está sempre voltada para frente, no centro. Isso não interessa. Isso não muda. Eu me sinto doente. Mas veja bem, eu me sinto doente, não estou doente no meu corpo, na minha cabeça. Estou sóbria o tempo todo. Estou excessivamente sóbria o tempo todo num mundo que sufoca no memento mori diário da televisão. Isso me emburrece. Me tonteia sem me tirar do lugar. Eu me sinto doente e o que tenho é uma debilidade sem mais nada que uma tonteira que volta à sobriedade. Eu sempre volto à sobriedade. E o que posso fazer com essa sobriedade? Por que é isso o que a sobriedade pode fazer: um meio termo. Um passável. Eu sou toda

passável. Eu preciso me dizer essas coisas enquanto tomo um café horrível cercada de textos que preciso estudar. Eu sou passável. E sempre temos ambição. Ambição de não sermos passáveis. Eu choro e me debato e isso não resolve absolutamente nada. Eu me debato. Eu me debato e choro. Isso acontece. Isso eu crio. Pode ser o começo do meu monstro. Minha insatisfação. Minha recusa. Afirmo aqui o começo do meu monstro. Aqui alguma coisa acontece. Alguma coisa que vale o respiro. Que vale como respiro. No desespero onde perco o fôlego, onde sinto a vida esvaindo é onde a vida se encontra. É por onde posso me encontrar com a vida. Onde posso deixar de ser um protótipo egoísta de meu tempo. É o começo do meu monstro. Um começo que se ramifica em pontos incontáveis. Eu não sei do meu monstro. Nunca vou saber seu começo. Vou entendê-lo de relance pra depois esquecer. Eu esqueço. Eu não sei mais o que vivi há dez anos. Dez anos pra mim foi uma vida alheia. Eu vivo uma vida alheia que olho de longe. Que tempo é esse, essa distância de minha vida? Sentada em uma cadeira velha, de frente pra uma janela de madeira aberta de par em par, eu via uma tempestade no horizonte da plantação de soja. Eu estava enrolada em um

pano vermelho, tinha os cabelos longos e soltos que alguém penteava. E eu lhe disse que isso era bonito. Perguntaram o que. Eu disse que a cena era bonita. Disseram que a cena não existia na verdade. Eu tinha visto essa cena e então ela existiu e era bonita. Eu olhei. Algumas vezes eu consigo olhar. Mas é muito difícil olhar o tempo todo. É impossível olhar o tempo todo. Dói. Dói se nos regozijamos, dói se rimos. Nada passa impune pelos olhos. O contágio vem pelos olhos. Nada está pronto a nossa volta. Está lá. De alguma forma, quando olhamos, construímos as cenas e vivemos nelas, com elas, por elas. Vemos-nos assim. Por esse olhar. Quando ele está desligado não estamos lá. É bonita a recuperação dos anos que não são mais seus. Eles cabem nessas anotações a toda hora, em público, assim que aparecem aos olhos. Acho que estou menos ansiosa. Acho que me controlo mais agora. Estou escrevendo com mais calma. Sinto minhas palavras saindo com menos desespero. Talvez seja a hora de parar e voltar pra vida de olhos fechados. Só escrever outra vez quando conseguir ver de novo. Mas e a porção mediadora de escrita? Existe essa porção mediadora entre o desespero e a satisfação do ato? Na verdade (me controlo para não escrever na verdade, mas ele sai assim,

natural como falamos. Sempre falamos com verdade) tudo o que escrevo e como escrevo só depende de como vivo isso. Eu crio as necessidades do meu monstro. No meu esquecimento. No que crio a partir do meu esquecimento. Tem uma história, um envelhecimento. Mesmo quando olho a rua e vejo por ela todas as idades passando e eu ali no meio que não pertencço a nenhuma dos tempos cabíveis de uma vida humana. É como se não tivesse idade nunca. Eu posso contar uma história tendo nela a idade que quiser ter porque eu não tenho nenhuma. Essa sensação de que somos eternos. Nunca morreremos porque os anos não contam, não somam. Sou sempre eu abrindo os olhos de vez em quando. E ali, esperando, rindo, está o contágio, o mostro que criamos, rindo da nossa imortalidade arrogante e frágil.

